



denilson conceição santana
BARROCO DANDY
(poesias)

Ed. Faz de Conta
2014

BARROCO DANDY
(poesias)

Denilson Conceição Santana

BARROCO DANDY
(poesias)

Ed. Faz de Conta
2014

A prior, não falarei de sedas
Ou das coisas que espicham, borbolem
Assim recuo a mocó
Onde os gravelhos eninhão
Néscio das aves estéreis
Até que se voluam às intempéries, o amor chato
Das roupas
Na pele fria da pele

Soia-me aléu, pitonista pejo
Velando-me à linha potável do céu
Soluço, e desberno em
Sóis, luares, estrelarias
Instúcio ordens d'outros fados, firmamentos
Para que a romança crença do dilúvio me abasteça
E relute em mim ânimas selvagens
Cacimbas de potro dentro, afogados
Roupas de bichos-de-seda, vivos
Plantações esquecidas, plasmareis

Esquecido
Da Epiderme vi brotar
A bruma, dólmã azafamo
Urzindo, giestas pela escusa das horas
Cá dentro, ariscos fios da navalha
Musgos, lesto
Arriscam pela grinalda
A mortalha, o grafite exala
Tantos risos, como caniços

Tapir luzir a fornalha
Do quente-frio reunir
O gesto vergalho da talha
O sangue rosto zunir
Donde o grei dandy abocalha

Vi-me quieto reunir
Da têmpera apraz da cruz
O solário, espreito à casa
Por traz, à frente, lado
O curioso Hécate
Giestas sói e nada
Tudo em ti, meandrado fala
É nuvioso decidir
Por qual das bocas, cala

À pradaria
De amálgama e perfeita glória
Vi Jurema dando água-benta aos pássaros
Cotim prior das necessidades
Baptismo por quem anseia
E vi dar a peneiras de areias, sarçais, corujas brancas,
pássaros prenhos
O lúmen próprio
De niquices, osgas e alumbramentos
Vi voltar a seu quinhento
Mil das mil espécies
Heris espécies de lamento

E outro dia
Do meirão donde as fendas bolem
O quiçá inaudito das chaves
Láparos, da cainça das carnes
Oiuvi equóreas ebúrneas
A maceração vil das carniças
A posse, rápida e perene das margens
Salsugem dos cios
Vingar das paisagens

Espectros aríetê das palavras
Romã você das ruas sem horas
Pitonista, nívea e calma
Amarílis, véus enquadra
Ares ventres, medram-me
Ladainhas sinistras, lagem

Ebúrnea manhã, a maçã ainda fria
O doce que chucro/chulo na sala
As sandálias soltas lá no rio
Transgridem os barcos cá fora
A lua toda naufraga
Esconde a luz, a viv'alma
Ávaro leque reúne:
Todas as cores da meada
Engendra as plantações sem rumo
Ao léu, ao fio instante se cala.

Côvado, sem luz, escuso o tronco
Inumano
Lembra ouricuris, umburanas, jaqueiras sem fruto
Instange sebes aferindo sua fissura
Dos talhos, riscos na alma
Vivam-se traindo entrando pala
Mordiscos leves na falha
Das coisas jactas, louvam-se a d'ar dentia
Suas nervuras, rúbias engrola
Na escuridão negra da mala

Garbo minha ingratidão
D'antanho meus sobrenomes
Tapir/unir humílimo do cofre
Como quem emaranha
A fios de cobre o sói
Seu próprio mausoléu
Apraz-me sentir ciúme
Como quem nuvia a hélice
Temporã dos dias
A sentir saudade, desgosto e desprezo
Prévio, me embriago
Lestos, soltos como canário
A fome madressilva da poesia
E no que tange sua madrinha
O zéfiro silencio alicia

Douda, essa minha alegria insana
A duvidar de palácios, cabanas
Nino-me furtigas horas
A corolas, floráceas, roseiras
A minha vida inteira
Passar à brida da lágrima seca
Pois eu, esse doido varrido
Reúno coisas do abismo
Do abc e de frios gemidos
Pra te ouvir falar no vis a lis
Tudo que preciso

De Eva a ave nua
A salsura grieba, litere da palavra
Nos afara e benfazeja
Nem trenó, nem carruagem alguma ligam-nos
Juremas, cactus, limoeiros firmam-se só
Entre coroas e cristos
E essa meiguice, se reluta em 'decir'
A doidis fantasmas
O intruito desejo de se permitir

Ao garbo calão de quem a si mesmo espreita
Ou no limo engrinaldado do sonho
A maceração dos moinhos urde-nos
Ligam-se as arquiteturas dos quintais
Ao meã explendido das atmosferas lúcidas
Sem cala, sem hiato algum
Apenas o ensejo babilônico quase louro
Dos ventos calo
Move-se eu e outro
Fitam-nos como lágrima crua
À proeza gentílica do existir

Leviana, diante da palha vejo-a
Atenta e charmosa, impera a atriz
Rúbidos seios como escudos
Lassos de despojo ante a sala
Antes coloro agora desboto em tu
Vendo linhagens fosforescentes
Volúpios endossos do segredo
Donde o rei ainda nú, vive sujo